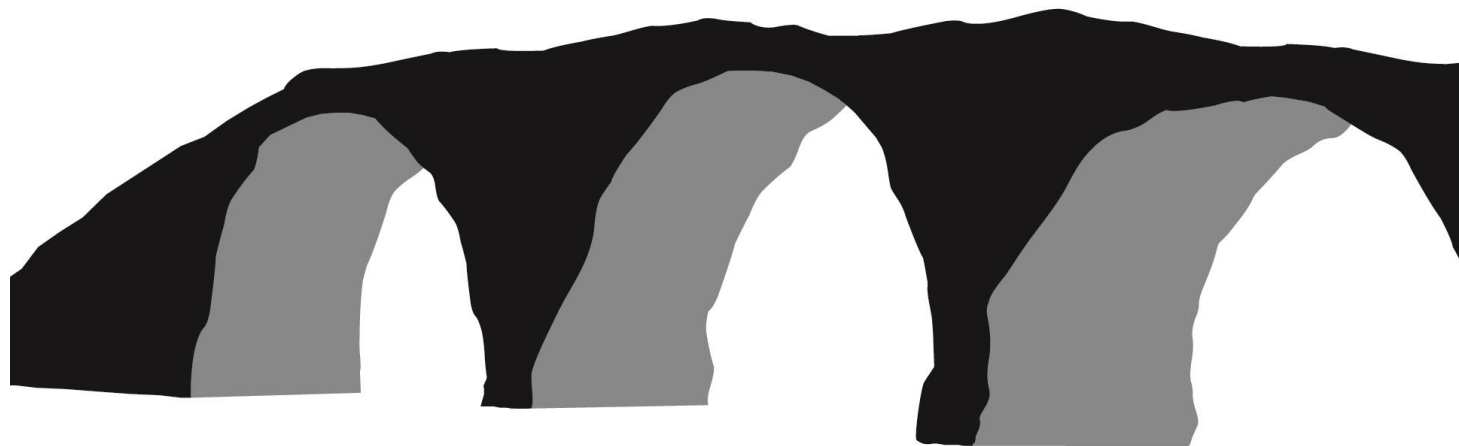


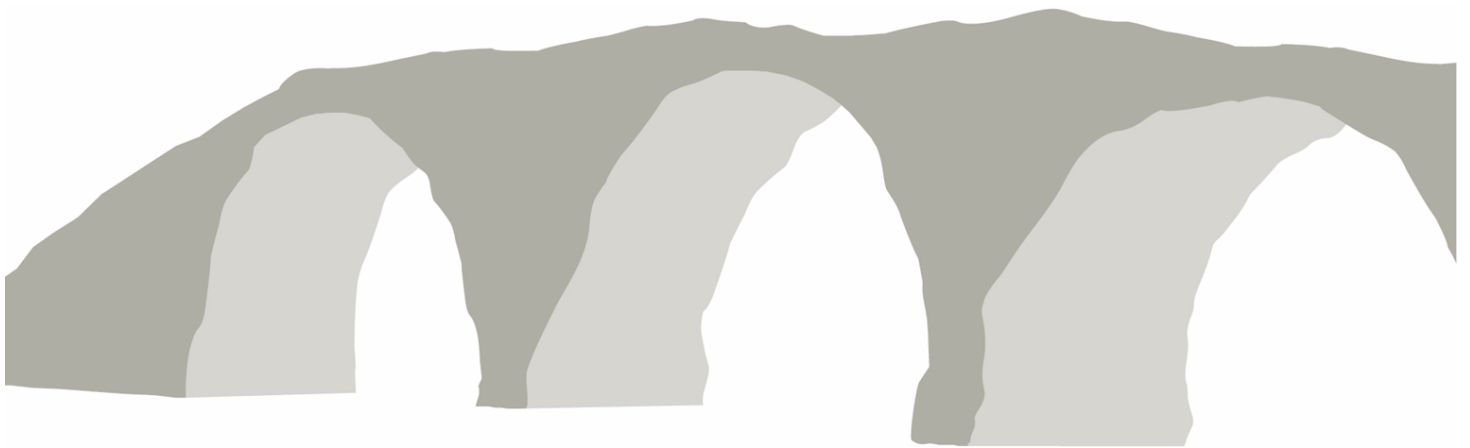
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 11 | Número 2 | Julho – Dezembro 2017
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**DA PRAÇA À COZINHA, PASSANDO PELA SALA DE JANTAR: GÊNERO,
RAÇA E CLASSE NA PELOTAS NO SÉCULO XIX – E DEPOIS**

**FROM THE SQUARE TO THE KITCHEN THROUGH THE DINING ROOM:
GENDER, RACE AND CLASS IN 19TH CENTURY PELOTAS - AND LATER**

Loredana Ribeiro





Data de recebimento: 26/07/2016.

Data de aceite: 10/04/2017.

DA PRAÇA À COZINHA, PASSANDO PELA SALA DE JANTAR: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA PELOTAS NO SÉCULO XIX – E DEPOIS

FROM THE SQUARE TO THE KITCHEN THROUGH THE DINING ROOM: GENDER, RACE AND CLASS IN 19TH CENTURY PELOTAS - AND LATER

Loredana Ribeiro¹

RESUMO

O estudo se baseia na evidência material, escrita e iconográfica da segunda metade do século XIX em Pelotas (RS) para refletir sobre as interações opressivas de sexo-gênero, raça e classe no contexto de penetração do modo de vida burguês. Abordo a formação e cronologia do depósito arqueológico de uma praça pública, dali seguindo a trilha doméstica arqueológica até o interior dos casarões oitocentistas de elite, discutindo a sala de jantar e a cozinha como espaços de expressão de relações de poder entre homens e mulheres, mulheres brancas e mulheres trabalhadoras negras. Finalmente, uso a culinária doceira de Pelotas, que se tornou marca da cidade ao longo do século XX, como fio condutor para refletir sobre as relações de trabalho entre mulheres brancas abastadas e mulheres de cor, das cerimônias do jantar e do chá do século XIX ao comércio de doces finos.

Palavras-chave: Arqueologia Feminista, mulheres de cor, cerâmicas, século XIX, Rio Grande do Sul/BR.

RESUMEN

El estudio se basa en la evidencia material (loza, cerámica artesanal, periódicos, inventarios y otros documentos históricos) de la segunda mitad del siglo XIX en Pelotas (RS) para pensar las interacciones opresivas de sexo/género, raza y clase en un contexto de penetración del modo de vida burgués. Tras discutir la formación y cronología de las muestras arqueológicas provenientes de una plaza pública, sigo los vestigios domésticos arqueológicos hacia el interior de las casas del siglo XIX, discutiendo el comedor y la cocina como lugares de expresión de las relaciones de poder entre hombres y mujeres, mujeres blancas y trabajadores negros. Por último, analizo la culinaria confitera de Pelotas como guía para la discusión de las relaciones laborales entre mujeres blancas ricas y mujeres negras pobres, a partir de las ceremonias del té y de la cena en el siglo XIX, a la producción confitera que se volvió un símbolo de la ciudad durante el siglo XX.

Palabras clave: Arqueología Feminista, mujeres de color, cerámicas, siglo XIX, Rio Grande do Sul/BR.

¹Departamento de Antropología e Arqueologia, DAA-ICH/UFPel. Rua Alberto Rosa, 154, Porto, Pelotas/RS CEP:96010-770. loredana.ribeiro@gmail.com.

ABSTRACT

This study is based on the analysis of material, written and iconographic evidence from the second half of the nineteenth century Pelotas (RS/Brazil) and discuss the oppressive interactions of sex/gender, race and class in a context of penetration of the bourgeois way of life in Brazil. I approach the formation and chronology of the archaeological record of a public square, following the archaeological kitchenware from there into the nineteenth century elite houses, discussing the dining room and the kitchen as places of expression of power relations between men and women, white women and black women workers. Finally, I use the traditional sweets of Pelotas, that became a trade mark of the city throughout the twentieth century, to trace the work relations between wealthy white women and poor women of color, linking the nineteenth century dinner and tea ceremonies to the confectionery commerce.

Keywords: Feminist Archaeology, woman of color, pottery, 19th century, Rio Grande do Sul/BR.

O terreno que hoje acomoda a praça Coronel Pedro Osório, no centro de Pelotas (Rio Grande do Sul), foi reservado num planejamento urbano definido em 1830 para atuar como praça pública e centro geográfico da cidade. Do início até meados daquele século foi área baldia, alagada na temporada das chuvas e ocupada por animais em busca de pasto na temporada seca. Na medida em que as ricas famílias pelotenses se instalavam na região central da malha urbana e desenhavam com suas construções abastadas o ventre da desejada cidade opulenta e moderna, aquele terreno baldio se destacava com cores e odores de mancha espúria. Parte do ano alagado, parte do ano ocupado por bois, cabras e outros usuários indesejáveis, mas o ano inteiro ornado em suas margens por casarões e ricos moradores da elite local. A partir da segunda metade do século XX, obras urbanísticas e iniciativas para transformar o terreno em praça, num local público, aprazível e pacífico para o lazer da população, resolvem o contraste adaptando o terreno central a seu entorno (Figura 1). Uma série de medidas de urbanização e paisagismo da área se sucederam, chegando ao cercamento para controle de acesso.

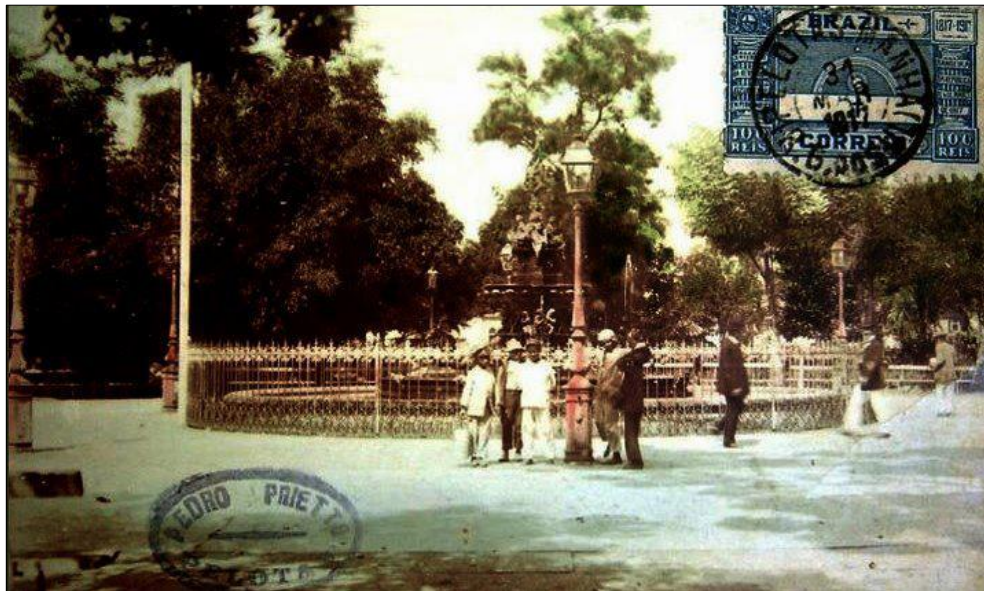


Figura 1: Praça Pedro Osório, 1917. Cartão Postal. Fonte: Pretérita Urbe (<https://www.facebook.com/preteritaurbe/photos/a.1006758532670486.1073741847.472472029432475/485403281472683/?type=3&theater>). Acesso em 13/07/2013.

A evidência arqueológica e histórica mostra que aterros, ajardinamentos e gradeado obviamente não apagaram a presença da população negra de Pelotas, que circulava a trabalho dentro e fora dos casarões elitistas, se reunia na praça para piqueniques familiares e que seguiu usuária constante, ainda que malquista, da praça central. Tendo por base essa evidência arqueológica, jornais locais, inventários e outros documentos históricos, este artigo apresenta uma reflexão preliminar sobre múltiplas interações opressivas na segunda metade do século XIX, especialmente sexo-gênero, raça e classe, tendo por pano de fundo a penetração do modo de vida burguês em Pelotas. As pesquisas baseadas na interseccionalidade defendem que as pessoas atuam no mundo com referência em categorias identitárias que se entrecruzam – como sexo-gênero, classe, raça/etnia, sexualidade, idade e (d)eficiência – e que o escrutínio da combinação destas categorias pode

melhor evidenciar melhor tanto os eixos de opressão e situações de discriminação quanto as estratégias de desobediência, existência e persistência.

A discussão se divide em quatro partes, a primeira delas, dedicada a compreender e descrever o processo de formação do depósito arqueológico e sua cronologia. Estabelecida a idade do depósito arqueológico e identificada a camada de ocupação mais intensa para despejo de refugio doméstico, na segunda e terceira partes do texto essa camada é usada como guia para, se deslocando da praça pública, avançar sobre dois espaços específicos no interior dos casarões pelotenses, a sala de jantar e as cozinhas, espaços de expressão de relações de poder entre homens e mulheres, pessoas brancas e negras, ricas e pobres. A análise se detém, principalmente, sobre as louças e cerâmicas artesanais, partindo de suas diferenças na produção, acesso, uso e descarte para refletir sobre as hierarquias e contradições sociais na cidade oitocentista. Finalmente, discuto as relações entre mulheres brancas e abastadas e mulheres de cor e pobres, usando a culinária doceira de Pelotas como fio condutor para refletir brevemente sobre as relações de trabalho entre elas, das cerimônias do jantar e do chá do século XIX ao comércio de doces finos que se fixou como marca cultural da cidade no século XX.

A HISTÓRIA DO LIXO NA PRAÇA: A FORMAÇÃO DO DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO

A compreensão e descrição do processo de formação do depósito arqueológico e sua localização temporal é relevante, posto que este estudo se detém em coleções arqueológicas reunidas a mais de dez anos atrás (entre 2002 e 2006), resultantes de projetos de intervenções preventivas à obras de restauro que, em nenhuma medida, se orientavam por pressupostos e objetivos similares aos aqui expressos². A praça Pedro Osório foi alvo de dois tipos de ações: escavações com níveis artificiais em diversos pontos ao longo do perímetro e monitoramento na área de reconstrução dos banheiros (Figura 2). As maiores quantidades de materiais da coleção vêm destas últimas intervenções. São materiais coletados sem controle estratigráfico, que, assim, impedem seu uso imediato para refletir sobre mudanças e permanências ao longo do tempo nos hábitos de consumo, nas práticas de alimentação, nas relações sociais e mais. Para organizar os diferentes tipos de informação obtidas numa narrativa coerente, a cronologia foi privilegiada. A coleção foi subdividida em duas, amostras com e sem controle estratigráfico. As duas ‘subcoleções’ mostram as mesmas grandes categorias de materiais arqueológicos (louças, cerâmicas artesanais, grés, vidros, materiais construtivos, metais e restos ósseos – sobretudo alimentares (bovinos, suínos, pequenos mamíferos, aves e peixes), variando principalmente a quantidade no interior de cada grande categoria. A partir das amostras com controle estratigráfico, foram estabelecidas três camadas de ocupação do terreno pela deposição de refugio, correlacionando os níveis artificiais das intervenções arqueológicas, os materiais neles contidos e suas informações cronológicas, identificando, quando possível, as peças e decorações com maior popularidade³.

² As intervenções foram motivadas por obras de revitalização na praça central da cidade e casarões de seu entorno, no escopo do Programa Monumenta do IPHAN (Cerqueira & Rosa, 2008). As coleções arqueológicas exumadas estão sob a guarda do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPel).

³ Sempre indicando a situação, em alguns momentos das partes seguintes do texto, faço referência apenas aos materiais exumados em níveis estratigráficos, em outros aos materiais da praça como um todo.

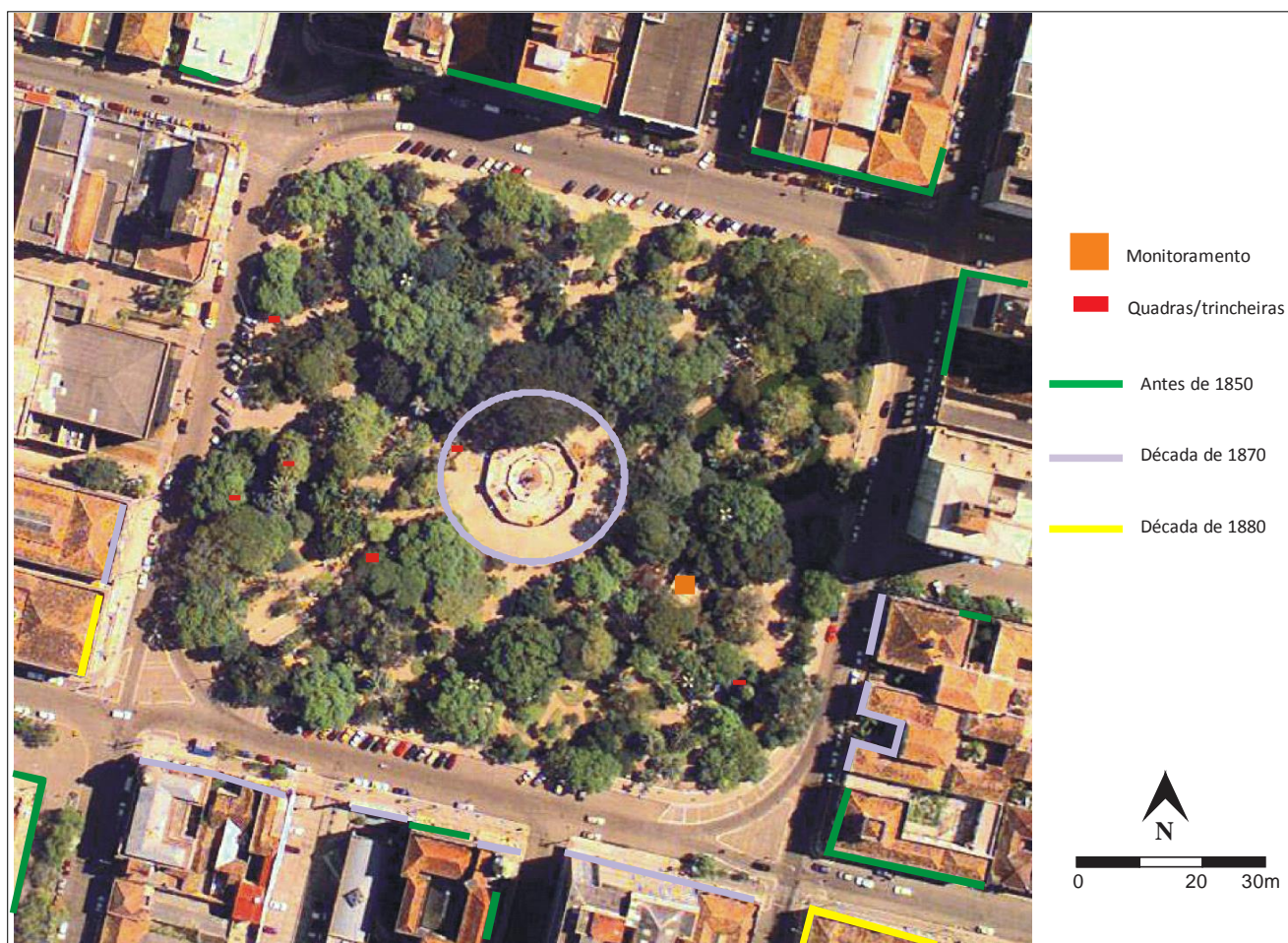


Figura 2: Foto área da Praça Pedro Osório com indicação das intervenções arqueológicas e cronologia dos casarões.

Fonte: acervo do Lepaarq-ICH/UFPel.

A história da praça Pedro Osório remonta à década de 1830, momento em que cresciam tanto a população quanto a malha urbana da então Freguesia de São Francisco de Paula e o povoado era elevado à condição de vila. Entre as décadas de 1830 e 1850 o entorno da praça exibia algumas poucas construções imponentes (Figura 2). Ao menos cinco residências e três prédios de uso público foram edificadas até 1850: o teatro, a escola pública e a câmara (Arriada, 1994; Magalhães, 1993; Bastos, 2013; ver também mapa do Segundo Loteamento de Pelotas em Gutierrez, 2001). A maior parte dos casarões hoje remanescentes, todavia, foi construída nas décadas de 1870 e 1880, período de valorização do espaço pelas elites locais. Até a década de 1870, a praça, então nomeada Pedro II, não era muito mais que um terreno abandonado com acúmulo de águas paradas no centro. A presença constante de animais era comumente noticiada nos jornais da época e, junto à grande quantidade de lixo doméstico encontrada nas intervenções arqueológicas, atesta o abandono do local.

Ao longo de boa parte do século XIX eram várias as práticas de descarte do lixo doméstico que sobreviviam desde os séculos anteriores. A mais pitoresca e antiga delas era a colocação do lixo, excrementos e tudo que não mais servia, em barris de madeira, repetidamente transportados até terrenos baldios, praias, becos, ou simplesmente jogados nas ruas. Outras formas de lidar com o lixo doméstico o mantinha nos limites do terreno e variavam, desde simplesmente atirá-lo no entorno das moradias ou em pontos específicos nos fundos dos quintais das casas, ou nos *cabungos*, buracos especialmente abertos para receber

lixo (Tocchetto, 2010; Maestri, 2001). A deposição de lixo nos terrenos baldios de Pelotas seguia prática comum no final da década de 1870:

Há mais de trinta anos que permanecem à Praça Pedro II os monstruosos alicerces de uma igreja que felizmente nunca se construirá. Completo estorvo às pretensões de utilidade, os referidos alicerces servem para depósito de imundícies, oferecendo local apropriado para cenas de pouca decência (Diário de Pelotas, 04 de dez. de 1878).

Foi apenas a partir do final da década de 1870 que obras públicas na praça deram início ao lento urbanismo da área que finalmente a definiu como um espaço paisagístico de lazer. Antes disso, pela praça transitavam animais e se despejava lixo:

Até agora eram cavalos, mulas e cabras que por ali vagavam, hoje também para ali se conduzem vacas para pastar! Ontem, ao meio dia duas soberbas vacas leiteiras pastavam mansa e tranquilamente sem que os olhos dos Srs. fiscais as enxergassem e fizessem o obséquio de as recolher a lugar seguro (Correio Mercantil, 18 de maio de 1877).

O histórico da ocupação urbana da área, disponibilizado principalmente pela pesquisa em jornais locais do século XIX e as informações cronológicas fornecidas pelo estudo dos materiais arqueológicos em estratigrafia permitem visualizar três momentos de maior abandono dos materiais que compõem a amostra arqueológica e organizar os níveis artificiais das intervenções arqueológicas em três camadas de ocupação do espaço. A tabela adiante (Figura 3) sintetiza a distribuição dos materiais por momentos de deposição de refugo doméstico na praça.

Momento/Camada	Metais (Kg)	Fauna (kg)	Louças (un.)	Cerâmicas (un.)	Vidros (un.)
1 (n. 11 a 13)	32%	85%	51%	44%	68,5%
2 (n. 8 a 10)	6,5%	6%	14%	15%	6%
3 (n. 1 a 7)	61,5%	9%	35%	41%	25,5%

Figura 3: Distribuição dos materiais por momentos de deposição de refugo doméstico na praça.

Camada 1 – ‘Cenas de pouca decência’ (cerca de 1860 a 1880)

As intervenções arqueológicas que alcançaram maiores profundidades chegaram a 130cm do piso atual da praça, subdivididos artificialmente em 13 níveis de 10cm (Cerqueira & Rosa, 2008). O estudo da coleção arqueológica mostra que se destacam no nível 13 as faianças finas florais pintadas à mão livre, com detalhes carimbados (60% das peças recuperadas em estratigrafia com este tipo de decoração). Apesar de começarem a ser produzidas a partir de 1845 na Inglaterra, os períodos de maior popularidade destas peças no Brasil e na Argentina parecem ser posteriores: após 1860 em Porto Alegre (Tocchetto & Medeiros, 2009) e após 1870 em Buenos Aires (Schávelzon, 1991). No nível 12 têm destaque os frascos de farmácia com base em *cupbottom*, produzidos a partir de 1850 e, no nível 11, as louças pintadas à mão no padrão *Shel Edge* azul sem superfície modificada ou borda ondulada, produzidas entre 1860 e 1890 (Miller, 1991; Tocchetto *et al.*,

2001). Também no nível 11 nota-se um fundo de frasco (de perfume?) com a inscrição *Albert Prince of Wales & Princess Alexandra*, em homenagem ao príncipe e princesa de Gales, casados em 1863.

Ainda que o presente estudo tenha se dedicado à análise detalhada apenas de louças, cerâmicas artesanais e vidros, os restos ósseos e os metais⁴ foram pesados para que fosse possível avaliar, em conjunto, a distribuição das amostras arqueológicas nos níveis de escavação. O resultado mostra que o pacote dos níveis 13 a 11 reúne a maior quantidade destes vestígios: 85% dos cerca de 8kg de ossos de animais recuperados; metade das vasilhas em louça exumadas na praça (51%), quase metade dos vasilhames cerâmicos (44%), a maioria das peças em vidro (68,5%) e cerca de um terço (32%) dos mais de 14kg de metais recuperados com estratigrafia. Após o nível 11 há uma significativa redução de todas as categorias de materiais. A escassez de materiais nos níveis seguintes confirma a perda ou, ao menos, dificuldade de acesso à área para descartes em grandes quantidades após a coibição do acesso à praça com a instalação de grades em 1877.

Mesmo que o espaço da praça estivesse disponível para deposição de refugio desde ao menos 1830, as características da amostra arqueológica sugerem que o período mais intenso de deposição, intenso o suficiente para caracterizar o depósito arqueológico, teria se dado mais de duas décadas depois, justamente no momento de início da maior valorização da área pelas elites locais e construção dos palacetes cujos remanescentes ainda ornaram a praça. É possível estimar o perfil das famílias moradoras da área nesta época a partir da *Lista de qualificação de votantes de Pelotas*⁵, que elenca algumas das mais ricas e importantes famílias de Pelotas com endereço residencial na praça em 1880. A renda anual mínima para ter direito ao voto deveria ser igual ou superior a 100 mil réis, sendo que a renda mínima indicada para os moradores da praça era de 200 mil – renda que, inclusive, aparece apenas duas vezes. A maioria dos vinte moradores da praça que aparecem na lista era também elegível – ou seja, possuía renda anual igual ou superior a 400 mil réis e podia se candidatar a cargos públicos. A maioria dos votantes, onze deles, apresenta as rendas máximas declaradas (1 conto de (ou um milhão de) réis ao ano), ligadas às atividades agropastoris (seis deles são charqueadores, ou criadores ou fazendeiros) ou profissões liberais (cinco deles são médicos ou advogados ou engenheiros). Os votantes com rendimentos anuais no estrato médio da lista (entre 600 e 800 mil réis ao ano) são comerciantes, enquanto que as rendas mais baixas (entre 200 e 400 mil réis ao ano), que aparecem seis vezes, são relacionadas a atividades de comércio, guarda-livros (contabilidade), armador e há, ainda um, votante listado apenas como ‘proprietário’ e um ‘trabalhador’. Note-se que os votantes tinham idades entre 26 e 58 anos, a maioria casados e três solteiros, com idades de 31, 32 e 44 anos. Nenhum dos solteiros declarou renda máxima dentre as listadas, apenas mínima ou o primeiro patamar de renda intermediária (600 mil réis).

A periodização da camada 1 é coerente com a documentação histórica que mostra que, ao menos até finais da década de 1870, a praça nada mais era que um terreno alagado boa parte do ano, área disponível ao refugio das casas:

Mais de uma vez, temos tratado da necessidade de aterros na praça da Regeneração, já porque entendemos que, enquanto ela não tiver a necessária elevação, não dará fácil escoação as águas pluviais,

⁴As péssimas condições de preservação dos materiais metálicos, extremamente oxidados, sugerem fortemente um contato com grande umidade que pode se dever tanto à água que aflorava do lençol freático, quanto a que se acumulava em épocas de chuva. Os jornais da época explicitam o problema de águas estagnadas na praça.

⁵Lista de qualificação de votantes de Pelotas. 1880. Biblioteca Pública Pelotense. Transcrição do documento original cedida por Caiuá Cardoso Al-Alam.

que na estação invernososa, fazem dela como uma lagoa circulada de pântanos (...) (O Noticiador, 20 de nov. de 1861).

Quem contemplar o calçamento, a água, o gás, a elegância da edificação e outros melhoramentos que ali temos, e depois se virar para a praça Pedro II, terá de certo uma desagradável sensação e lamentará, como todos os habitantes, que não esteja ela, pelo menos, gradeada e arborizada (Correio Mercantil, 12 de out. de 1875).

Mesmo com a construção de calçamento na lateral da praça em 1861, visando facilitar o escoamento das águas, elas se acumulavam em diversos pontos e invadiam as ruas, criando um lamaçal por onde charretes, carroças, cavalos e pedestres transitavam (O Noticiador, 20 de nov. de 1861). Também mesmo com a instalação do chafariz no centro da praça, em 1873, e a construção de calçamento e lajeado para acomodar o chafariz, a praça permanecia pouco favorável à frequência por boa parte do ano, continuando a ser utilizada, inclusive, como pasto para animais (Figura 2 e Figura 4).

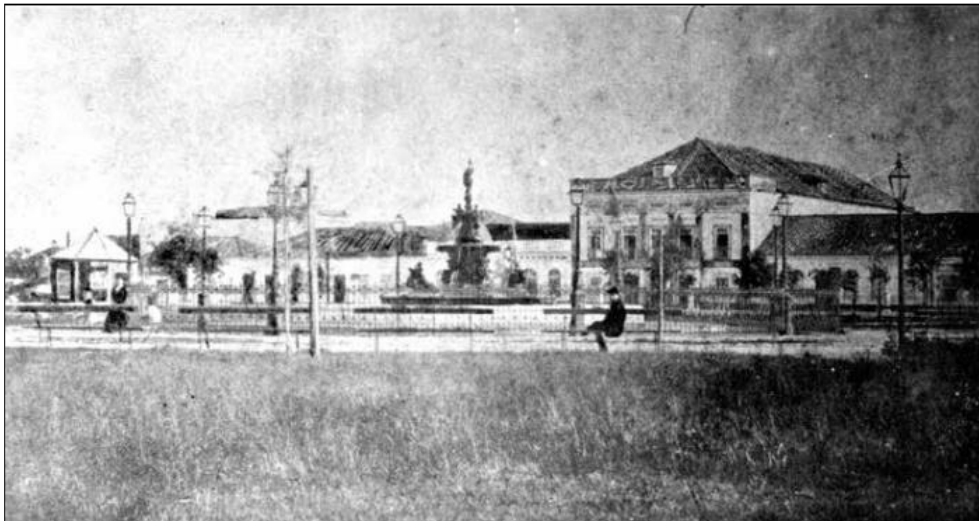


Figura 4: Chafariz da praça, entre 1873, data de instalação do chafariz, e 1877, data do gradeamento da praça. Em primeiro plano, o mato alto que cobria o terreno em épocas secas, ao fundo os casarões da face sul da praça. Fonte: Rubira, 2012:20.

Camada 2 – A ‘afluência de distintas famílias e cavaleiros’ (cerca de 1880 à virada do século)

Há uma brusca redução da amostra arqueológica relativa aos níveis arqueológicos 10 a 8 (100 a 80cm), em comparação aos níveis anteriores (13 a 11) e posteriores (7 a 1), quando a amostra volta a aumentar sobretudo devido à quantidade de metais, como se discute adiante. A evidência arqueológica dos níveis 10 a 8 apresenta apenas 15% do total de vasilhames em cerâmica artesanal, 14% dos vasilhames em louça, 6% dos vidros, 6,5% do peso total em metais e 6% do peso total de ossos exumados com indicação de estratigrafia. Essa camada arqueológica não possui dados cronológicos que permitem estimar sua idade de deposição, mas a expressiva redução de material sugere tratar-se do momento de fim da deposição regular de resíduos domésticos na praça, condizente com a documentação histórica que informa obras públicas de controle de acesso e permanência no local.

As últimas décadas do século XIX correspondem ao período de maior valorização imobiliária da área, com a construção de suntuosos casarões⁶ e controle do acesso através de gradeamento e intensificação da urbanização da praça, iniciada com a instalação do Chafariz em 1873. A colonização elitista e racista do espaço público aparece no costume, informado pelo jornal Diário de Pelotas de dezembro de 1880, de mandar levantar pessoas negras dos bancos da praça para ceder lugar (*apud* Paula, 2005:24). E no comentário abaixo:

Foi imenso o número de distintas famílias e cavalheiros que ontem à noite afluíram à praça Pedro II. Naquele vai-vem incessante, onde se trocam os mais ternos olhares, andava-se aos encontrões, tal era a aglomeração de povo, até as 10 horas da noite. Uma lembrança aos *dilletanti*: para mais agradável tornar-se aquele ponto de reunião, deviam todos cotizar entre si uma quantia suficiente para pagar uma música que toque ali durante os domingos, como se tem feito nos anos anteriores (Diário de Pelotas, 29 de nov. de 1886).

As reclamações de abandono e as comemorações das obras na praça que se vê nos jornais da época podem ser entendidas como desejo da elite local de ter o local como vitrine de sua opulência. Após o gradeamento, em 1877, as reclamações passaram a ter outros focos, também ligados ao embelezamento e criação de condições para o uso 'adequado' do espaço: ajardinamento, regulamentação dos horários de frequência e suspensão do fornecimento de água nas torneiras do chafariz (Paula, 2005:13). Ora, as duas últimas reivindicações estão relacionadas à segregação do uso do espaço, privando escravos e habitantes pobres de retirar água para beber ou levar para casa e excluindo a praça dos espaços noturnos disponíveis à população pobre da cidade (lazer considerado 'arruaça'): "Os vagabundos e bandidos que, impunemente, por aí passeiam alta noite, em orgias e serenatas, abusando de tudo e de todos, ofendendo a lei e o decoro social, têm feito da praça Pedro II o teatro de suas vergonhosas façanhas" (Correio Mercantil, 08 de out. de 1877). As denúncias de 'vergonhosas façanhas' na calada da noite e relatos de prisões (Paula, 2005) sugerem atos de desobediência ao aprisionamento do espaço público pelas regras do decoro social burguês.

Comentários que propagam o uso 'adequado' da praça se tornam mais comuns após 1877, ano em que é finalmente gradeada e o acesso a ela controlado através de portões (Figura 2 e Figura 5). A partir daí, as obras de urbanização desse local se sucedem, como sua arborização com eucaliptos em 1878 e, inclusive, a instalação de um rinque de patinação que funcionou daquele ano até 1882.

⁶Ao menos a construção da Biblioteca Pública em 1875, do Casarão 08 em 1878 e do Casarão 06 em 1879, ambos da família Antunes Maciel, do imóvel do Clube Caixeraltambém em 1879, a reforma do Casarão 02, de Alfredo Gonçalves Moreira, em 1880, a construção do prédio da Prefeitura em 1881, da Funerária Moreira Lopes em 1882 e do casarão da Família AssumpçãoVianna em 1887 (Bastos, 2013).



Figura 5: Detalhe de charge publicada em 1887, mostrando uma caricatura do editor do *Diário de Pelotas* na calçada da Praça, com o gradeado ao fundo. (*A Ventarola*, nº36, p.05, 11 de dez. de 1887).

Camada 3 – Veio a praça, foi-se o lixo (virada do século XIX e primeiras décadas do seguinte)

Chama a atenção, nas amostras relativas aos níveis 7 a 1 (da superfície a 70 cm de profundidade do piso atual), a significativa presença de metais (61,5% do peso total de peças metálicas exumadas), o que pode corresponder às obras de paisagismo do final do século XIX e início do seguinte, que incluíram a retirada do gradeamento entre a primeira e segunda década do século XX (Figuras 6 e 7). Também se destaca um número de vasilhames cerâmicos (41% do total de peças recuperadas nas intervenções estratigráficas) similar ao do primeiro momento de deposição de lixo, um número mais reduzido (35%) do total de vasilhames em louças e dos vidros (25,5%), além de restos ósseos (9% do peso total em ossos).



Figura 6: Praça Pedro Osório, 1907. Cartão Postal. À esquerda pode-se observar o gradeado ainda instalado.

Fonte: Pelotas Antiga

(<https://www.facebook.com/PelotasAntiga/photos/a.157502581058774.40799.157500577725641/166703910138641/?type=3&theater>) acesso em 26/07/2016.

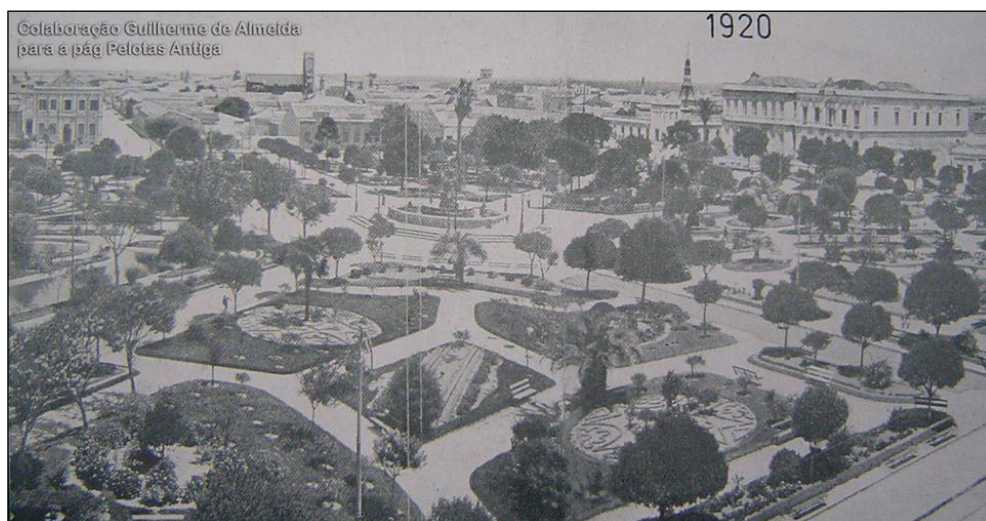


Figura 7: Praça Pedro Osório na década de 1920. Fonte: Pelotas Antiga

(https://www.facebook.com/PelotasAntiga/photos_stream?ref=page_internal). Acesso em 10/07/2013.

Mesmo que pouco numerosas, são as louças, novamente, que oferecem dados de inferência cronológica para estes níveis. Já a partir do nível 7 começam a aparecer louças decoradas por decalque, técnica aplicada a partir de 1890⁷. Nos níveis 3 a 1 surgem delicadas porcelanas japonesas decoradas por *transfer-printing* e

⁷Em relação às peças da camada 1, o material da camada 3 se apresenta em tamanhos bem menores, o que poderia se dever à presença de aterros - fragmentação por retirada e transporte de materiais de algum ponto até a praça. Pesa a este favor as discrepantes taxas de remontagem de louças de uma camada a outra, 32% para a camada 1 e 8,5% para a camada 3. A taxa de remontagem da camada 3 é inclusive menor que a da camada 2 (28,5%), relativa ao período posterior ao gradeamento da praça e com a maior escassez de materiais. A

posteriormente pintadas à mão com o motivo Gueixa, especialmente produzidas entre 1885 e 1950 para exportação para os países americanos (Litts, 1988). Mais uma vez, recorrendo a dados sobre popularidade de padrões decorativos de louças na Porto Alegre do século XIX, é possível usar outro padrão decorativo para localizar cronologicamente os níveis superficiais da estratigrafia do depósito da praça. É especialmente nos níveis mais recentes, 1 a 4, que se concentram quase todas as faianças finas no padrão Trigal (oito das dez peças) recuperadas nas escavações. Symanski (1998) indica que em Porto Alegre as faianças finas com decoração Trigal, apesar de produzidas desde 1851 na Inglaterra, teriam tido maior popularidade no final do século XIX e início do XX. Bem possível que as famílias de prestígio de Pelotas acompanhassem o gosto da capital.

A virada do século XIX e primeiras décadas do século XX correspondem ao período de maior urbanização da praça e completa transformação de seu desenho paisagístico, com deposição de materiais reduzida, ainda que presente – mesmo que incomparável ao momento 1, o que pode se dever tanto à retirada do gradeamento e novos usos da praça como espaço de lazer de uma parcela maior da população da cidade, quanto à presença de aterramentos.

‘PERGUNTAS, SORRISOS, NOTÍCIAS E PROMESSAS’:
PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NA FAMÍLIA BURGUESA

A maior parte da coleção arqueológica exumada na Pça Coronel Pedro Osório foi depositada entre 1860 e 1880. Em 1875 havia 17 edificações na praça com uso prevalente para moradias familiares (Bastos, 2013). Uma vez que se desconsidere os metais, que, como visto, em sua maior parte podem estar relacionados a obras paisagísticas na praça, a evidência arqueológica estudada diz respeito, sobretudo, a descartes domésticos (principalmente utensílios ligados à preparação e consumo de alimentos). Tomando-se apenas as louças da coleção, tipo de evidência para a qual se dispõe de muita informação sobre procedência e custo de aquisição, a caracterização das peças sugere um padrão de consumo elitizado, condizente com o perfil de moradores que a já discutida Lista de Votantes de 1880 anuncia.

Meu esforço aqui é no sentido de explorar as possibilidades de refletir sobre relações de sexo-gênero e raça (homens brancos e mulheres brancas, mulheres brancas e mulheres negras) a partir de contextos materiais tradicionalmente associados a famílias abastadas. Gênero ainda é uma categoria de análise pouco usual na arqueologia, o que parece vir da necessidade da disciplina em produzir fatos inequívocos sobre o passado. Joan Gero (2007) acertadamente tratou essa dependência como um dos objetivos organizacionais fundamentais da prática disciplinar: somente a partir de dados não-ambíguos, podemos chegar a causas e resultados inequívocos de eventos, reconstruções inequívocas de modos de vida etc. Implícitas e idealizadas, tais metas de exatidão são guiadas por uma noção de objetividade, que se supõe neutra e universal, todavia, enraizada em um sujeito situado (homem, branco, burguês), mas que, uma vez cientista, está supostamente livre de influências sociais e culturais, assim purificado no processo de produção do conhecimento (Haraway, 1995; Wylie, 2012). Essa noção de objetividade silencia subalternidades de sexo-gênero, entre outras, contribuindo sobremaneira para representações sexistas sobre os passados ocidentais e de outros povos e

menção a aterros na praça aparece nos jornais associada à reforma do lajeado e calçamento da área do chafariz em 1887 (Paula, 2005), mas não está evidente se toda a área da praça foi aterrada ou apenas sua porção central. Considera-se em aberto (e por explicar) a possibilidade de aterro, já que, se supõe, sua presença deveria acompanhar uma cronologia invertida da evidência arqueológica, o que não é o caso.

coletivos. Nesse sentido, a exatidão, a certeza e a inequívocidade que caracterizam os ideais positivistas da arqueologia tendem quase a expressar uma subjetividade masculina ideal (*sensu* Rich, 1976). As teorias feministas, por outro lado, apoiando-se na reflexividade e na situacionalidade da produção do conhecimento, têm investido fortemente no questionamento da autoridade da ciência e de outras estruturas epistemológicas universalizantes assim como no reconhecimento de que todos os aspectos da pesquisa refletem os interesses pragmáticos e situados daqueles que a criam e sustentam (Haraway, 1995; Harding, 1998; Conkey, 2010; Gero, 2007; Wylie, 2000, 2007; Engelstad, 2007).

O gráfico da Figura 8, baseado na tabela de valores organizada por Miller (1980, 1991) a partir da complexidade da decoração das faianças finas do século XIX e nos dados levantados por Fernanda Tocchetto (2010) para a Porto Alegre da segunda metade do século XIX, mostra a relação percentual entre vasilhames em louças da amostra total da Praça (1730 vasilhas) e o custo estimado das peças. As características que permitem inferências de valor de 966 vasilhas estão apresentadas desde aquelas que definem as louças mais baratas⁸, à esquerda no gráfico, até as mais caras, à direita⁹.

⁸ O gráfico da Figura 8 não inclui as 353 peças em faianças finas brancas lisas. Como o estudo considera número mínimo de peças (nmp) e muitas vezes fragmentos brancos e lisos podem ser partes de peças pouco decoradas cuja remontagem não foi possível a amostra de louças brancas pode estar superestimada.

⁹ **Faianças finas brancas, com superfície modificada** são peças brancas com relevo moldado, apresentando bordas onduladas (padrão *Royal Rim*) ou com representação de vegetais cultivados, como trigo e milho. Respondem pelas peças sem decoração em pintura, as mais baratas disponíveis no mercado do século XIX. **Faianças finas pintadas à mão, simples** apresentam pinturas simples e maior heterogeneidade nas peças de um mesmo padrão; neste sentido, são mais artesanais que as demais. Os padrões decorativos consagrados na bibliografia e presentes na amostra da Praça que se enquadram neste grupo de valor são o *Shell Edge*, o Espatulado, Esponjado, Carimbado, Faixas e Frizos, Mocha e *Common Cable*. **Faianças finas pintadas à mão, floral**, apresentam padrões florais policrômicos pintados com pincéis, eventualmente com uso de carimbos e raramente cozidos com uso da técnica do borrão. Geralmente são figuras de grande tamanho, que se dispersam do centro para as bordas da peça. Exigem maior habilidade do pintor e as peças apresentam maior homogeneidade no desenho de um mesmo padrão. Os padrões decorativos reconhecidos que se enquadram neste grupo de valor são principalmente o *Peasant Style* e, mais raramente, o *Sprig Style*. **Transfer-printing e Decalque** são louças com decoração impressa, sendo extremamente comuns as representações de cenas e paisagens. As técnicas de impressão permitiam a produção em larga escala de peças com decoração exatamente igual, atestando o desenvolvimento da indústria de louças ao longo do século XIX. Havia variação de preços de acordo com o tema ou técnica adicional, sendo as vasilhas com padrão *Willow* (conhecido no Brasil por 'Pombinhos') as mais baratas e aquelas com impressão e borrão (Borrão Azul) as mais caras (Lima, 1995). As louças em *transfer-printing* predominaram ao longo do século XIX, sendo paulatinamente substituídas por aquelas decoradas por decalque a partir da década de 1890. Peças em *White-Ironstone* foram produzidas a partir de 1840. Tais louças passarão, na segunda metade do século, a preponderar nas mesas das casas de fino consumo. São sobretudo louças lisas ou decoradas em relevo com temas de colheita (trigo, milho, abóbora, etc.), mas também aparecem painéis verticais, arcos e volutas em relevo. São comuns as peças hexagonais e octogonais. Também conhecidas como meia porcelana, estas peças eram mais caras que as faianças finas em geral, conforme levantamento de valores em mais de setenta inventários de Porto Alegre realizados nas décadas de 1850 a 1870 (Tocchetto, 2010). **Porcelanas** respondem pelas louças mais caras, aparecem na coleção da Praça sobretudo em motivos florais pintados à mão.

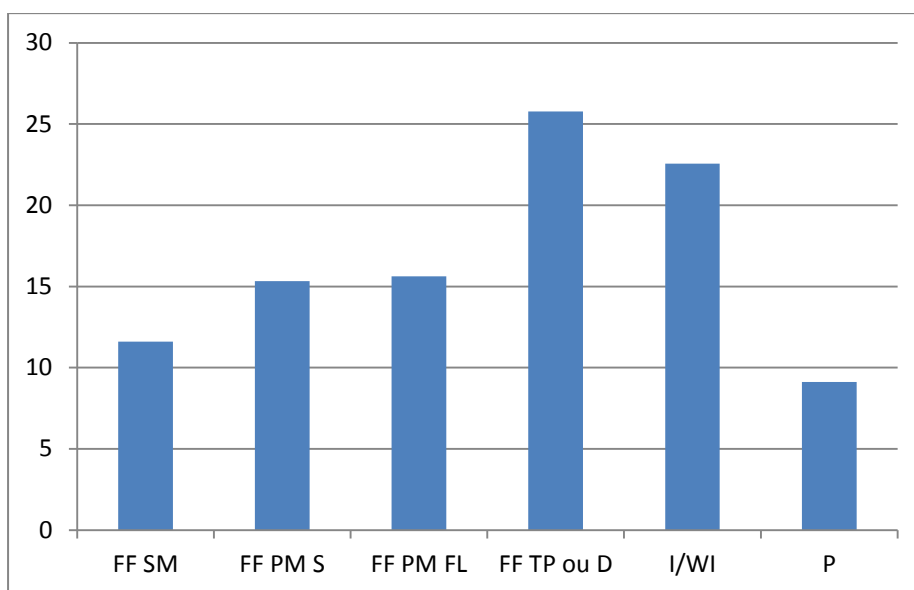


Figura 8: Relação percentual entre vasilhames em louças (considera toda a coleção da Praça) e o custo estimado das peças. Peças mais caras à direita, mais baratas à esquerda. Legenda: FF SM - Faianças finas brancas, com superfície modificada; FF PM S - Faianças finas pintadas à mão, simples; FF PM FL - Faianças finas pintadas à mão, floral; TP ou D - Transfer-printing e decalque; I/WI - Ironstone/white-ironstone; P - Porcelana.

Nota-se que a coleção de louças da Praça Pedro Osório indica um alto investimento em louças finas e caras pelas famílias da área¹⁰. Quando somados os números relativos de faianças finas decoradas por impressão, de peças em *white-ironstone* e em porcelana do gráfico, pode-se atribuir altos custos de aquisição a 58% da amostra. Mesmo considerando as peças classificadas como brancas lisas, que podem estar em número superestimado, o total de louças brancas, as mais baratas do mercado, responderia por apenas 35 % do total da amostra, reforçando a ideia de que as escolhas de consumo de louças privilegiavam as peças caras e da moda. Louças industrializadas em geral (faianças finas, *whiteironstone* e porcelana) respondem pela categoria de material arqueológico mais freqüente na praça. Essa freqüência está de acordo com a alta taxa de reposição destas peças nas casas brasileiras abastadas de meados ao final do século XIX, conforme se vê em inúmeras pesquisas arqueológicas (Lima, 1995, 1997; Symanski, 1998; Agostini & Najjar, 2007; Tocchetto, 2010; Ribeiro, 2012 etc.).

A valorização pelas elites brasileiras das louças importadas foi observada desde a primeira década do século XIX pelos viajantes europeus em trânsito pelo Brasil. É também muito comum a associação na literatura de viajantes das louças finas ao senhor da casa. Por exemplo, na vizinha Rio Grande, Jonh Luccock (1809) notava que, ainda que a residência onde se hospedava se ressentisse de boa mobília, “nunca o mais rico serviço de porcellana inspirava a uma dama de gosto tantas atenções como aquellas vasilhas inglezas ao seu dono”. E segue, descrevendo o tesouro do proprietário “que se compunha de uma terrina de louça amarella e respectiva concha, alguns pratos e bandejas, chicaras, pires e, creio, um bule para chá, do mesmo material” (Luccock, 1935:39).

¹⁰Que, todavia, não aparecem nos inventários consultados de moradores da Praça, datados entre as décadas de 1850 e 1910. Neles, as menções a louças são extremamente raras, apenas “um aparelho de louça azul para meza e um dito de porcelana para chá”, num inventário de 1854 (Inventário de João Guerino Vinhas, 1854) e “meio aparelho de louça incompleto” num inventário de 1898 (Inventário de Joaquim José de Assumpção, 1898).

Para a coleção arqueológica total da área da praça foi possível identificar a forma de 1238 das 1730 peças analisadas e agrupá-las nas seguintes categorias principais: aparelho de jantar, aparelho de chá e café, peças de higiene e brinquedos (Figura 9). Nota-se um largo predomínio de peças ligadas ao serviço de mesa para refeições como almoço/jantar¹¹. Peças que podem ser assim classificadas respondem por 71% do total de vasilhames, atestando a importância que revestia a cerimônia do jantar no século XIX. Tais dados informam também o investimento familiar em peças usadas num dos espaços de predomínio e ritualização da atuação de homens brancos no espaço doméstico, a sala de jantar (Lima, 1995; Carvalho, 2008).

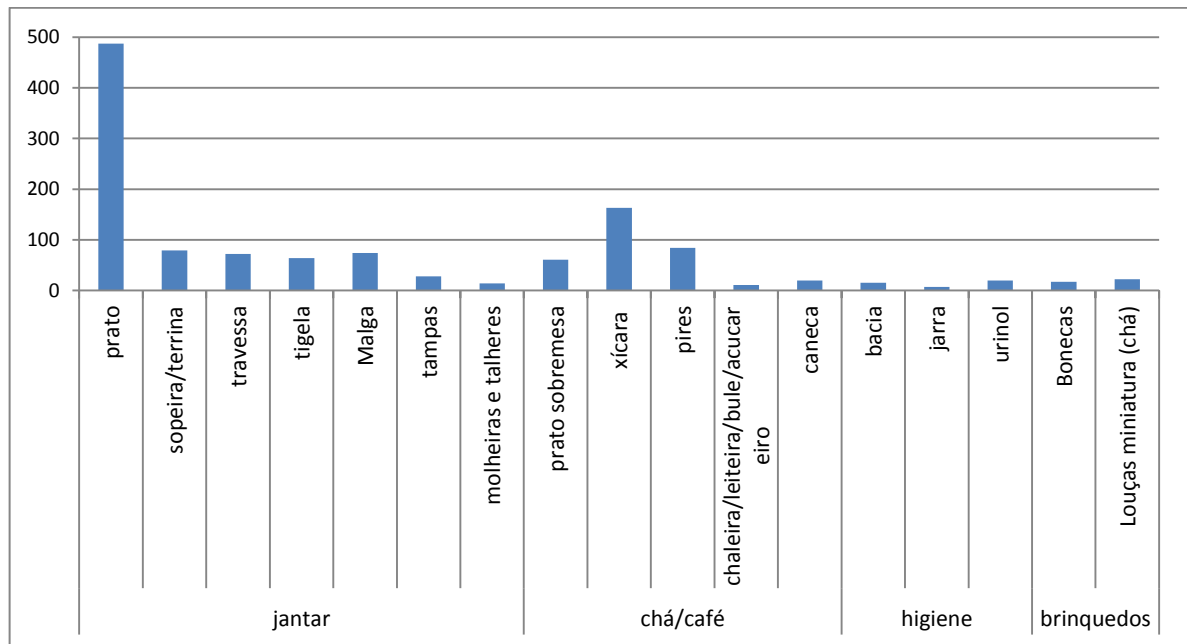


Figura 9: Artefatos em louças finas (considera toda a coleção da Praça).

Louças de serviço de jantar eram equipamento de ostentação do poderio do senhor da casa, que, junto com a comida farta, exibia na sala de jantar a sua eficiência como provedor, o prestígio e superioridade da família (Lima, 1995). Como a prataria, as louças costumavam receber a marca do dono, brasões ou monogramas. Em 1865, o Conde D’Eu, recebido para jantar por uma viúva residente entre Alegrete e Santana do Livramento, indicava a relação entre aparelhos de jantar e o dono da casa: “[ao jantar] nada falta, nem mesmo um esplêndido aparelho: vidros dourados e bela porcelana de beira verde com o nome do falecido esposo da dona da casa escrito em letras de ouro” (D’Eu, 1981:124).

No começo do século XIX, viajando por Rio Grande, John Luccok informava a raridade com que notava aparelhos de chá nas casas gauchas: “Aquele aparelho de chá era, talvez, naquelas paragens, o único no gênero. Pouco antes tinha eu visto uma bacia amarela de meia canada ser vendida por um dólar, e um bulezinho de chá da mesma cor, por dois” (Luccock, 1935:40). Na segunda metade do século, contudo, a

¹¹ Considerando agora apenas a amostra da camada 1 de deposição de louças na Praça (192 peças exumadas com controle estratigráfico), observa-se que as louças de jantar mais comuns são pratos, travessas e terrinas com decoração *Willow, Shel Edge* (beira azul ou verde) e louças brancas, que aparecem praticamente nos mesmos números. A relativa ausência de peças especializadas, como sopeiras, molheiras, etc., pode ser explicada tanto pelo uso de baixelas de prata que não aparecerão na evidência arqueológica, mas que por outro lado têm grande expressão nos inventários consultados devido a seu alto valor, quanto pelo fato de que tais peças são reduzidas nos aparelhos originais de jantar, onde predominam peças de consumo individual. É bastante provável que aqui estejam representados mais de um jogo de jantar da mesma casa, um reservado para os jantares festivos com convidados (talvez em *Willow*) e outro para os jantares/almoços íntimos e cotidianos da família (talvez em *Shel Edge* ou louça branca).

popularidade dos conjuntos para chá era grande, na coleção da praça eles respondem por quase 30% das formas identificáveis de louças. A presença destas peças indica não só a importância crescente de outro ritual, o do chá quanto uma reconfiguração de papéis de homens e mulheres brancas na sociedade burguesa.

Diferentemente do que ocorre com o serviço de jantar, as louças de chá dos níveis 13 a 11 da Praça são preponderantemente em *white ironstone* (com superfícies moldadas, sem decoração em pintura ou decoração mínima como frizo na borda das peças), *ironstone* e porcelanas pintadas à mão. Essas são as pastas mais caras dentre as que aparecem na coleção arqueológica. As peças de chá são também as únicas que aparecem em miniatura, compondo, juntamente com bonecas de porcelana, a categoria de brinquedos infantis identificada na amostra com controle estratigráfico.

Supõe-se que a importância da cerimônia burguesa do chá na segunda metade do século XIX esteja relacionada aos novos papéis sociais que as mulheres passam a praticar no contexto do capitalismo industrial. Vânia Carvalho (2003, 2008) discute como o fenômeno da “mulher-objeto” se associa à base da produção da feminilidade burguesa desde as últimas décadas dos oitocentos. Com a associação simbólica, na nova ordem burguesa, entre homens de prestígio e a esfera de produção, as formas antes consagradas de demonstração de sucesso (o tempo livre, o lazer e o luxo), passam a estar interdidas a eles. As portadoras dos sinais de sucesso das famílias dos setores médios da população serão então as esposas, com função mediadora tanto entre os membros da família, quanto entre seus maridos e a sociedade. Visitas, almoços, jantares, chás, férias em hotéis e ações beneficentes intensificam sua exposição pública ao vivo e com repercussão em colunas sociais de jornais e revistas (Carvalho, 2003:1-5). A construção da identidade mulher-branca-esposa-burguesa, o ideário da ‘bela, recatada e do lar’, teve na casa o seu lugar de produção: é lá que, desde criança, se vai aprender a associar o corpo da mulher ao objeto doméstico.

Principalmente as mulheres brancas dos setores médios e altos das sociedades capitalistas são estimuladas a sair dos espaços supostamente silenciosos de seus lares, ampliar o consumo e expandir o mercado. Vedado aos homens, o ritual burguês do chá operava em contraposição ao jantar como um mecanismo de inversão e compensação (Lima, 1997). Um livro de receitas tradicionais de Pelotas tem como prefácio um texto de descendente de ilustre família oitocentista da cidade, que assim tece suas lembranças das histórias do chá:

No casarão da esquina, toca a campainha. A criada uniformizada abre a porta e convida à sala. Senhoras elegantes, de luvas e chapéu, começam a chegar. No salão decorado à francesa são recebidas pela dona da casa. Falam em voz pausada, são amáveis e refinadas, sem ostentação. Enquanto conversam, a anfitriã convida ao chá. Na mesa de rodas chegará o perfume dos bules fumegando, o serviço de porcelana, os talheres de prata, os guardanapos de linho branco e o vaso com rosas. E o bolo. (...) E assim, entre um palavreado sereno e gentil, sucedem-se gestos de entregar, pegar, saborear, oferecer, agradecer. Perguntas, sorrisos, notícias, promessas (AMBAR, 2013:5).

Promessas de aconselhamento de negócios a seus maridos, de intervenção junto a outras famílias de prestígio em favor deste ou daquele interesse particular, de casamentos futuros entre suas crianças e mais, durante o chá da tarde as senhoras forjavam alianças, trocavam receitas, faziam intriga e política. Suas filhas eram treinadas desde cedo a serem senhorinhas elegantes, a cumprir as funções de receber as amigas para o chá, como sugerem as miniaturas de aparelhos de chá e bonecas, produzindo e reproduzindo os papéis e posições sociais designadas às mulheres brancas e ricas.

A ideologia da feminilidade burguesa levou algumas mulheres a “conquistar poder de consumo e poder sobre pessoas (especialmente outras mulheres e subalternos), aumentou sua autonomia, sua mobilidade, trouxe-lhe acesso ao trabalho e a novas formas de sociabilidade” (Carvalho, 2003:4, ver também Lima, 1997). Na medida em que a feminilidade burguesa, um subproduto da industrialização, se popularizava e se disseminava através de revistas, romances, crônicas de jornal e aparelhos de chá, as mulheres brancas e dos setores abastados das sociedades foram se separando cada vez mais do trabalho produtivo:

(...) la fractura entre el hogar y el mercado provocada por el capitalismo industrial instauró la inferioridad de las mujeres más firmemente que en ninguna otra época anterior. En la propaganda más difundida, la 'mujer' se convirtió en sinónimo de 'madre' y de 'ama de casa'. Y tanto la una como la otra llevaban impreso el sello fatal de la inferioridad (Davis, 2005:20).

No entanto, como pergunta retoricamente a ativista negra Angela Davis, enquanto a ideologia da domesticidade e da feminilidade beneficiava as mulheres brancas dos setores médios e altos no exercício de maior influência na sociedade, qual o lugar desse vocabulário na vida das trabalhadoras negras escravizadas?

FAMÍLIAS NEGRAS NOS CASARÕES OITOCENTISTAS

Interseccionalidade é um conceito que tem sido desenvolvido pelos feminismos sociais e acadêmicos desde as reações das feministas negras dos anos de 1990 às categorias “mulher” e “negro” fortalecidas pelo movimento social feminista e anti-racista nos Estados Unidos das décadas anteriores. De um lado, a noção essencialista de mulher mascarava naquele contexto que diferentes mulheres, como negras e pobres, estavam expostas a outras formas de opressão além do sexismo, opressões que pouco ou nada afetavam as mulheres brancas e de classe média, cujos interesses predominavam nos feminismos até a década 1970. De outro lado, a noção essencialista e sexista de negro do movimento anti-racista não contribuía com a visibilidade e a conscientização da condição das mulheres não brancas na colonialidade e no patriarcado capitalista. A crítica contundente indicava que as pautas sociais e discursos acadêmicos dos feminismos e movimentos negros apenas se referiam às mulheres brancas e aos homens dentre a população negra, resultando numa total marginalização de mulheres negras (Hooks, 1990a[1981]; Davis, 2005[1981]; Hull *et al.*, 1982; Yuval-Davis, 2006; Battle-Baptiste, 2011).

A interseccionalidade propõe um enfoque integrado e de geometria variável (Hirata, 2014:66), que contesta a hierarquização dos grandes eixos de diferenciação social (sexo-gênero, classe, raça-etnia, idade, orientação sexual e deficiência) e, além de reconhecer a "multiplicidade dos sistemas de opressão que operam a partir dessas categorias (...), postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais" (Bilge, 2009:70). Nesse sentido, ao se apresentar como forma de combater as opressões, a interseccionalidade é, ao mesmo tempo, um projeto de conhecimento, atado às condições sociais de produção de conhecimento, e uma arma política quando pensa conjuntamente as dominações a fim de não contribuir para sua reprodução (Hirata, 2014:69).

Buscando avançar uma arqueologia urbana em que as mulheres negras não sejam invisíveis nem vistas apenas como trabalhadoras subalternizadas por raça e gênero, aponto adiante algumas reflexões preliminares suscitadas pelas cerâmicas artesanais presentes na coleção arqueológica da praça Pedro Osório. Estas cerâmicas, que costumam aparecer em sítios arqueológicos dos séculos XVIII e XIX, ligadas ao preparo de

alimentos, são sempre associadas às cozinhas das casas e às mulheres (Lima, 1995; 1997), mas, pelo não dito e não discutido, vigora a crítica de Bell Hooks (1990[1981]; ver também Hull *et al.*, 1982): tais peças acabam por ser associadas às mulheres brancas posto que os discursos homogeneizantes tendem a ter a ‘mulher’ (branca) por referência e silenciar as demais. O esforço aqui é, a partir dessas peças cerâmicas, começar a discutir o lar e o cotidiano das mulheres escravizadas do século XIX.

Talvez o maior destaque da coleção arqueológica da praça venha, de fato, da pequena amostra de louças de barro, cerâmicas utilitárias artesanais, elaboradas em torno, engobadas e/ou esmaltadas e de provável produção local ou regional¹². São apenas 86 vasilhames que se opõem fortemente aos 1730 vasilhames em louças industrializadas, importados, de alto custo, ligados aos serviços das cerimônias burguesas do jantar e do chá da tarde e com altas taxas de reposição. Se as formas das cerâmicas artesanais indicam a preparação e o consumo de alimentos, seus menores tamanhos evocam a alimentação de pequeno número de pessoas e não a preparação ou serviço de refeições das famílias brancas dos casarões (Figura 10 e Figura 11)¹³.

¹²As cerâmicas esmaltadas são conhecidas por cerâmicas vidradas e têm sua origem no mundo árabe. Foram introduzidas na Península Ibérica no século VIII ou IX e sua produção no Brasil remonta, ao menos, aos inícios do século XIX, posto que o viajante John Mawe aponta a presença de uma fábrica em Minas Gerais em atividade no momento de sua visita (1809-1812). Na década de 1820, o francês Auguste de Saint-Hilaire indica olarias de vasilhames domésticos em Santa Catarina e em Porto Alegre, destacando sua superfície vermelha, o acabamento grosseiro e a cor laranja do barro, uma vez cozido. Brancante (1981) menciona diferentes fontes que indicam a presença, no século XIX, de pequenos centros de produção de cerâmica utilitária, vidrada ou não, em várias regiões do país.

¹³Foi possível projetar a forma de 36 das 86 peças e identificar o contorno de outras 13. São sobretudo panelas (21 peças), além de tigelas e canequinhas, jarros, vasos e bacias. Os diâmetros inferidos para as panelas variam entre 13 (principalmente) e 22cm (mais raramente), as canequinhas têm cerca de 6cm e uma das vasilhas abertas em meia calota (bacia) tem 18cm de diâmetro. Outras 13 vasilhas são globulares com diâmetro de boca em 15cm (seis peças) ou contornos complexos (sete peças) com grande inflexão entre a base e o bojo inferior e base com suporte na forma de anel (como aparece em malgas e tigelas industrializadas). Uma destas peças tem diâmetro de 20cm na borda. Dentre os anti-plásticos presentes nas argilas percebe-se predominância dos quartzos, que aparecem na quase totalidade das peças, sozinho ou combinado a feldspatos e materiais orgânicos e ferruginosos. Apenas seis peças com grãos de quartzo entre 4 e 6mm sugerem intencionalidade de inserção ou não remoção durante as primeiras etapas de confecção. Quando foi possível identificar a forma destas peças, encontramos panelas e tigelas, o que pode estar relacionado a um aproveitamento do quartzo na pasta por sua capacidade de retenção de calor dos objetos cerâmicos. Quanto aos tratamentos de superfície dos vasilhames, nota-se prevalência do tratamento fino, principalmente nas faces internas dos fragmentos, o que pode ser associado ao preparo e consumo de alimentos, já que não seria de interesse uma superfície grosseiramente acabada que pudesse levar ao desprendimento de antiplásticos, por exemplo, durante o cozimento dos alimentos. Mais da metade da coleção (49 peças) apresenta esmaltes nas faces internas dos vasilhames e/ou engobos nas faces externas. Enquanto o esmalte no interior das vasilhas pode estar relacionado ao preparo e consumo de alimentos, a aplicação de engobo nas faces externas não parece ter caráter utilitário ou funcional. Todavia, nota-se também a recorrência de peças que ainda apresentam estrias de produção não eliminadas pelo alisamento/polimento final, assim como uma relativamente alta ocorrência de peças com acabamento ‘grosseiro’ em alguma das faces, mesmo com posterior aplicação de esmalte ou engobo. Todas as peças com esmalte na face interna apresentam engobo na face externa, contudo muitas vasilhas têm engobo no exterior e não mostram mais esmalte ou outros “banhos” em suas faces internas, apenas erosão e outros sinais de desgaste das superfícies por intensa utilização.



Figura 10: Reconstituição de formas de cerâmicas artesanais, amostra da Praça. Em sentido horário: pequena tigela, bacia, panelas (Projeções: Bruno Ribeiro).

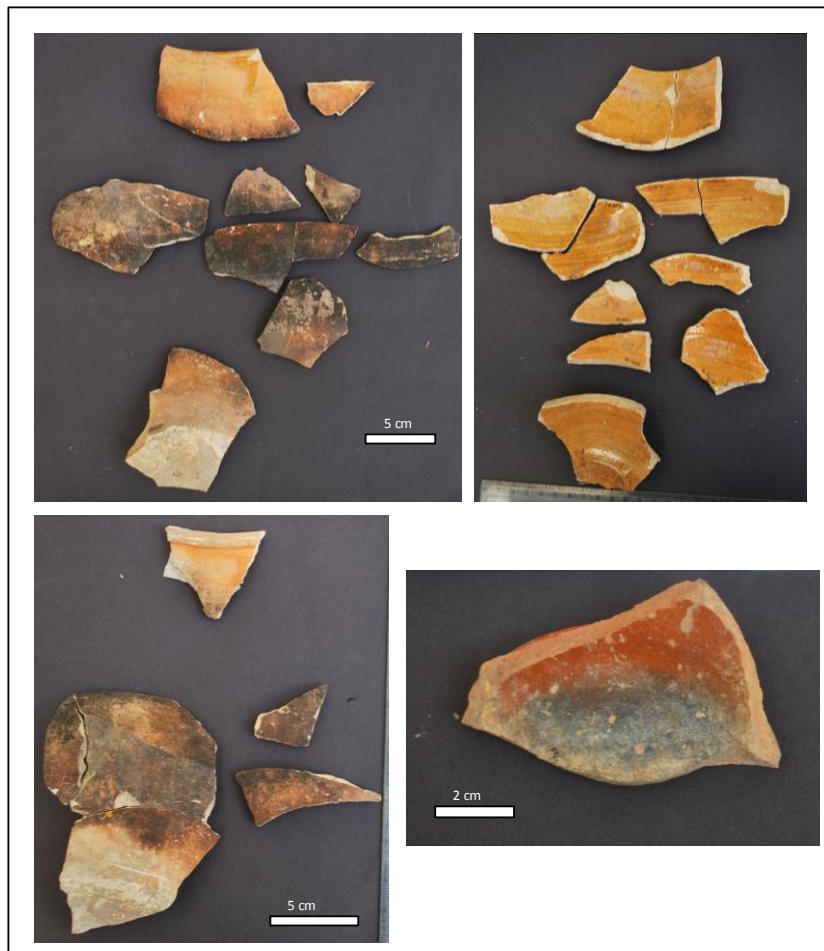


Figura 11: Fragmentos de panelas em cerâmica.

Uma vez que foram recolhidas junto ao refugio doméstico depositado em local público, tais peças poderiam dizer respeito ao aparato culinário de famílias pobres moradoras da praça ou de grupos de pessoas escravizadas dos casarões. Ainda que pouco provável, a presença de famílias pobres no entorno da praça nas décadas de 1850 a 1870 pode ser considerada. Seria uma reminiscência do período anterior à valorização da área pelas famílias de elite. A já mencionada *Lista de qualificação de votantes de Pelotas*, de 1880, indica que, dentre os vinte eleitores cadastrados com endereço na praça Pedro Osório, dois possuíam renda anual mínima para voto (200 mil réis), um comerciante e um trabalhador. Isso permite pensar na presença de moradores com ganhos ainda menores, que, por este motivo, não apareceriam na Lista – não estavam qualificados ao voto. Também cabe lembrar que as mulheres não tinham ainda garantido seu direito ao voto, portanto domicílios compostos apenas por mulheres ou mulheres e crianças não apareceriam no documento.

Entretanto o que corrobora a associação destas cerâmicas ao aparato doméstico em circulação nos fundos dos lotes das ricas casas da praça é sua presença nas coleções arqueológicas exumadas no interior dos casarões. Além da praça, também os edifícios construídos ou ocupados nas décadas de 1860 a 1880, hoje ainda de pé, foram alvo de intervenções arqueológicas no começo dos anos 2000 ligadas ao projeto Monumenta (Cerqueira & Rosa, 2008) e permitiram a formação de significativas coleções arqueológicas. O estudo atual dos materiais recuperados nestas intervenções já permitiu identificar peças cerâmicas com características similares, exumadas nos pátios e quintais das casas, por vezes em quantidades mais expressivas que na praça¹⁴.

A tralha doméstica em cerâmica artesanal presente nas coleções da praça e seus casarões de entorno é considerada aqui relativa sobretudo ao uso e descarte por um segmento específico do grupo doméstico dos casarões, aquele que preparava e consumia suas refeições em vasilhames pequenos, de baixo custo e exaustivamente utilizados, provavelmente produzidos na região: as pessoas escravizadas. A presença mais significativa destas cerâmicas nos quintais dos casarões não é de se estranhar. Mesmo na segunda metade do século XIX, quando as elites dos centros urbanos brasileiros já começavam a respirar os ares da modernidade europeia e se preocupar com a insalubridade e mau aspecto da exposição de lixo, o Correio Mercantil de Pelotas noticiava a manutenção da prática arraigada de despejar o lixo nos quintais e deixá-lo exposto à putrefação e mau-cheiro:

Há moradores que são pouco asseados que tem pouca limpeza em suas casas, que convertem seus quintais em 'sentinas', incomodam as vizinhanças, dão causa a que corrompa o ar que respiramos, a que se levante a morte terrível, feia, ameaçadora destes charcos de imundície e que avance sobre nós inexorável, espalhando o luto e as lágrimas entre uma povoação alegre (Correio Mercantil, 05 de fev. de 1875).

Os principais espaços para expressão e desenvolvimento de práticas culturais dos grupos escravizados eram seus alojamentos e áreas adjacentes, onde se preparava comida, se cuidava de crianças e de quem mais necessitasse, se reparavam roupas e se elaboravam adornos (além de, talvez, as próprias cerâmicas), se contavam histórias e onde aconteciam as pequenas festas do cotidiano (Battle-Baptiste, 2007). Angela Davis chama a atenção para a importância na vida social de pessoas escravizadas das atividades domésticas. Quando realizadas para entes próximos e queridos, no lugar de para suas senhoras e seus senhores, as atividades

¹⁴ O estudo das cerâmicas artesanais dos casarões está sendo conduzido como Trabalho de Conclusão de Curso pela bolsista Julia Dias.

ligadas à alimentação e cuidado proporcionavam um espaço para experiência de si como ser humano – não mercadoria ou propriedade:

En su empeño diario y desesperado por conservar su vida familiar, disfrutando de toda la autonomía que pudiesen arrancar, las mujeres y los hombres esclavos manifestaron un talento portentoso para humanizar un entorno concebido para convertirles en una manada de unidades de trabajo infrahumano (Davis, 2005:23).

A contestação e problematização das noções normativas de ‘família’ e ‘esfera doméstica’ são centrais às teorias feministas pelo potencial de desnaturalização da divisão sexual do trabalho e da família. Muito se tem discutido nos últimos anos sobre as estruturas alternativas da família negra na América, como parentesco não consanguíneo, gravidez fora do casamento, distribuição da responsabilidade pelas crianças e produção doméstica centrada na mulher, como efeitos dos limites e restrições da escravidão (Davis, 2005; Franklin, 2001; Battle-Baptiste, 2007). Nos inventários de Pelotas pode-se ver, além da costureira desproporção entre homens e mulheres, a identificação de pessoas com deficiência (geralmente ligadas à visão), doenças incuráveis e a presença, ocasionalmente, de crianças e, inescapavelmente, de pessoas idosas¹⁵. Onde as pessoas com características que as definiam como temporária ou permanentemente incapazes, e, portanto, excluídas da parcela de pessoas produtivas dos plantéis de escravizados, poderiam desfrutar de conforto, acolhimento e suporte? No mesmo lugar que as pessoas saudáveis e capazes: no lar. No entanto, Bell Hooks (1990b) destaca o fato de que o lar – que talvez seja uma ideia mais interessante que família, justamente para dar conta dos componentes materiais das relações íntimas – nunca é uma experiência sem mediações. Seu significado varia se nele nos situamos como colonizadoras/es ou colonizadas/os.

Uma sensibilidade feminista para as evidências materiais do lar leva em conta as diferentes condições de vida articuladas nos arranjos domésticos. Isso implica reconhecer que o lar compreende múltiplos atores, ocupando diferentes papéis sociais e pessoais de gênero e em diferentes estágios do curso da vida. As pessoas não nascem e morrem adultas e habilitadas. Reavaliar e expandir a compreensão dos lares históricos está particularmente relacionado à construção de identidades de classe, raça e gênero e à libertação do ideal burguês clássico que normalmente informa nossos estereótipos nacionais (Wilkie & Hayes, 2006). O ideal burguês de domesticidade carrega visões normativas de mulher e de família, valores e distribuição de tarefas que impede análises adequadas, por exemplo, de contextos de pessoas escravizadas.

Pesquisando os registros da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas para o período entre 1870 e 1880, Beatriz Lorne e colegas encontraram um número irrisório de entradas para escravizados de mais de 60 anos de idade e fora da faixa de idade ‘plenamente produtiva’ (dos 21 aos 60 anos). Apenas 2% do total de internações naqueles anos são relativas a pessoas idosas, enquanto que 80% das pessoas internadas que morreram posteriormente à primeira internação o fizeram em casa (Lorne *et al.*, 2012). Seja pela falta de interesses dos senhores em ter gastos de saúde com escravizadas/os de idade e/ou com doenças graves, fosse pela disponibilidade de práticas de cura em casa, fosse por ambos, esses dados sugerem que a maioria dos casos de doenças eram tratados em casa e que a maioria dessas pessoas morriam junto aos seus.

¹⁵ São exemplos os inventários de João Guerino Vinhas, finalizado em 1854, que, com muito detalhe, descreve sete escravizados com mais de 60 anos de idade, além de quatro com cegueira, pouca visão, doença incurável ou coxo de uma perna e uma mulher com pouca visão; o de Ignacio Rodrigues Barcellos, morto em 1863, onde um quarto dos escravizados inventariados possuíam entre 60 e 85 anos de idade e o de Antonio Francisco dos Santos Abreu, pai do homônimo residente na praça em 1880, que indica que quase metade dos escravizados possuíam mais de 60 anos.

É ao contexto cotidiano e familiar de trabalhadorxs cativxs dos casarões instalados na volta da praça que a amostra de cerâmicas artesanais conduz. As formas que puderam ser projetadas indicam que são principalmente vasilhames para preparação e consumo de alimentos, geralmente de menores tamanhos, conforme sugerido pela pequena espessura dos fragmentos, dos diâmetros identificados e pela predominância de acabamentos mais finos na face interna das vasilhas (Figuras 10 e 11). Boa parte das peças recebeu um engobo na porção externa e/ou esmalte na face interna. A maior parte dos fragmentos, entretanto, apresenta esmalte apenas residual em suas faces internas, indicando desgaste e erosão das superfícies internas por atrito de talheres e lavagens constantes – enfim, intensa utilização. Seu uso e circulação evocam aquela esfera da vida cotidiana em que os membros das famílias se definiam através de relações entre si e não pelo modo como eram vistos por pessoas de fora (*sensu* Stack, 1974).

As mulheres escravizadas tomaram para si o estabelecimento de redes sociais nas quais o parto de crianças, o cuidado de crianças, idosos e doentes, além de outras tarefas, eram realizadas coletivamente. Assim, elas desempenhavam um papel fundamental na reprodução social, ensinando meninos e meninas estratégias de sobrevivência e práticas culturais e a negociar suas identidades racializadas, generificadas e de classe (Franklin, 2001:113-114). A esfera doméstica, incluindo as práticas alimentares que ali se davam, atuou substancialmente na existência e persistência (na ‘reXistência’, como muito bem proclamam os movimentos sociais contemporâneos) no contexto de racismo, sexismo e opressão que a escravidão impunha. Seu efeito estabilizador favorecia a existência continuada de sujeitxs em associações afetivas e cooperativas, mesmo em condições de não consanguinidade.

A alimentação é uma das práticas cotidianas que favorece o estabelecimento e a manutenção de laços, senão pelas oportunidades de conversação que os ajuntamentos para ‘comer junto’ oferecem, por todo o cuidado e afeto que a alimentação envolve – cuidado com coisas, com pessoas, com as divindades. Comer é um ato social e a produção doméstica está diretamente ligada à produção cultural e formação de identidades negras sob a escravidão, por facilitar a geração de autonomia e sensação de segurança (Franklin, 2001; Davis, 2005). As vasilhas cerâmicas encontradas na praça são então um guia para construir narrativas não sobre ‘mulheres’, mas sobre mulheres negras que nos escuros alojamentos dos brancos e ricos casarões oitocentistas preparavam alimentos para consolar, alegrar e fortalecer corpos e espíritos. Para fazer comida para humanos e orixás. Como os quindins, o doce preferido de Oxum¹⁶.

A COR DO AÇÚCAR E A COR DA PELE: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA PELOTAS OITOCENTISTA – E DEPOIS

Ainda que nas últimas décadas a historiografia, a antropologia e a arqueologia tenham cada vez mais dedicado estudos à experiência africana e afrodescendente no embate colonial, continua valendo a crítica de Gloria Hull, Patricia Bell Scott e Barbara Smith de que, enquanto as experiências das mulheres negras não forem devidamente consideradas intelectuais, incluindo feministas, continuarão reforçando a perspectiva colonialista de que todas as mulheres são brancas e todos os negros são homens, condenando as mulheres negras ao silêncio e à não existência (Hull *et al.*, 1982, ver também Bell Hooks, 1990a). Precisamos elaborar

¹⁶ “Diz a lenda que uma escrava desejava muito engravidar e não conseguia, então prometeu a Oxum que lhe daria uma quantia de cem quindins caso tivesse um filho. E ela conseguiu engravidar. Então, até hoje o quindim é o doce da mãe Oxum.” Mãe Ondina de Xangô, em conversa com Marflia Kosby sobre a participação da população negra na tradicional culinária deceira de Pelotas (Kosby, 2015:21).

narrativas arqueológicas que tratem menos de objetos isoladamente e que assumam estar se referindo a interações entre pessoas e mundo material. Pessoas e lugares, mulheres e homens que trabalhavam, adoeciam, envelheciam, tinham suas formas de lazer, de religião e mais. Tais histórias podem conter detalhes relevantes para as lutas sociais contemporâneas e, por mais que de início se dirijam às mulheres negras e suas descendentes, no fim, as análises de múltiplos eixos de opressão se unem à luta pelo reconhecimento e justiça social a todos os grupos historicamente subalternizados pelo colonialismo e imperialismo (Franklin, 2001:109; Battle-Baptiste, 2011:30).

A tradição dos doces de bandeja¹⁷ de Pelotas é um bom guia para refletir tanto sobre a insidiosa manutenção das relações de trabalho com as mulheres negras e pobres ao menos desde o século XIX quanto sobre a participação dessas mulheres na tradição doceira. A culinária dos doces remonta a Portugal e ao trabalho das reclusas nos conventos. No Brasil, quindins, pastéis de santa clara, ninho de ovos, camafeus e outras iguarias eram servidos na última coberta dos jantares festivos, ocasiões de exibição ritual de poderes masculinos. Aqui, a produção de doces finos para comércio remonta à virada dos séculos XIX/XX, ocasião em que as mulheres das antigas famílias charqueadoras, submetidas à falência pela crise do charque, começaram a produzir para comércio os doces finos que há gerações eram servidos de sobremesa nos jantares festivos, festas e chás (Magalhães, 2001; Ferreira *et al.*, 2008; Ferreira & Cerqueira, 2012; Rieth&Kosby, 2014).

Na segunda metade do século XIX em Pelotas, quindins e companhia mediarão importantes trocas sociais, políticas e religiosas de distintos grupos sociais. Em termos de potencial para alianças e trocas favoráveis, os doces participam de banquetes e jantares oferecidos a convivas importantes tanto para as famílias da elite quanto para as famílias afroreligiosas. Nos ritos do batuque em Pelotas, os doces têm um enorme destaque, diferenciando-se das expressões religiosas de outras regiões do país e materializando, também através da relação entre religião e alimentação, a participação da população negra na culinária dos doces (Kosby, 2015). A culinária doceira também está presente no ritual do chá, que no final do século XIX se dispersa entre as famílias de elite como um ritual alimentar próprio a essas mulheres, expressando tanto o aumento de mobilidade, autonomia, poder de consumo e poder sobre outras pessoas por mulheres de elite quanto um novo mecanismo patriarcal de controle que atua na restrição e fixação dessas mulheres no lar. A transformação dessa manufatura doméstica e familiar em indústria atualiza antigas e duradouras opressões de raça, classe e gênero, contribuindo, de modo incisivo, com o apagamento de rastros e marcas de sujeitxs não brancxs e não ricxs na história do doce.

A história de uma das mais antigas doceiras da cidade, nascida em meados do século XIX, é paradigmática do que se supõe ser a origem do comércio de doces finos na cidade. Filha de uma rica família de charqueadores, enviuvada em 1894 com nove filhas/os e poucos recursos, a saída encontrada pela mãe de família foi por suas criadas a vender na rua os doces preparados em casa. De início a produção se destinava a festas (batizados, casamentos e outras comemorações familiares) do próprio grupo social das doceiras (Ferreira & Cerqueira 2012; Magalhães, 2001; Rieth&Kosby, 2014). O círculo de convívio das doceiras da

¹⁷A tradição doceira da cidade repousa sobre os doces finos e os doces coloniais (compotas, doce de massa de fruta e frutas cristalizadas), estes últimos originalmente relacionados à culinária das colônias de imigrantes de origem europeia que se instalaram na região nas últimas décadas do XIX (Rieth&Kosby, 2014; Ferreira & Cerqueira, 2012). Aqui, trato particularmente dos doces finos com sua produção e consumo original vinculados às elites senhoriais da Pelotas escravocrata.

virada do século favorecia, portanto, seu comércio. A própria apresentação dos doces indicava essa condição social, pois as iguarias ficavam dispostas em belas bandejas de prata pertencentes às famílias das doceiras.

Como pano de fundo à organização inicial desse comércio confeitiro, se discutia, desde a década de 1880, a regulamentação da locação do serviço de criadagem doméstica com a desagregação do sistema escravista (Costa, 2013). Pelotas foi pioneira, na então província de Rio Grande de São Pedro, na normatização do trabalho doméstico como medida de controle de trabalhadoras e trabalhadores libérxs e livres. Seguindo Bakos (1982) e Costa (2013), no que se refere ao trabalho doméstico as normas elaboradas no contexto do processo de emancipação eram mecanismos que buscavam manter as relações pré-estabelecidas com as trabalhadoras escravizadas, todavia, no mercado de trabalho livre. No caso das primeiras doceiras, sua origem social as impedia de oferecer e comercializar livremente suas iguarias, posto que não era esperado das mulheres de boa família que se envolvessem em atividades produtivas. A solução foi pagar a mulheres pobres para que oferecessem os doces nas ruas da cidade. Outra prática comum era ‘pegar para criar’ crianças e adolescentes de menor condição social, trocando trabalho por abrigo e comida (Ferreira & Cerqueira, 2012).

No entanto, a importância e os significados religiosos do açúcar para as famílias negras já estavam firmados no século XIX. O batuque, religião de matriz africana que se organiza na cidade e região a partir da primeira metade daquele século, tem nos doces um participante infalível de seus ritos e festas. De fato, no batuque a vida religiosa se inicia na cozinha (Kosby, 2015) o que, inclusive, sugere uma ligação, a se investigar, entre a organização da religião na região e os inúmeros homens negros, escravizados e libérxs, que aparecem em anúncios de trabalho dos jornais do século XIX oferecendo seus serviços como cozinheiros (Costa, 2013; Rodrigues, 2015).

Todavia o discurso oficial da história do doce em Pelotas exclui a população negra da tradição doceira, como a exclui da praça Pedro Osório e seus arredores no século XIX. No caso dos doces, o pressuposto é o de que o açúcar circulava livremente apenas entre as famílias ricas no sul do Brasil. Tal ideia se baseia no entendimento de Gilberto Freire de que, fora das áreas produtoras de cana, este bem quisto derivado era excessivamente caro e não circulava entre os setores pobres, especialmente os setores negros, da população (Magalhães, 2003).

Essa é uma visão paternalista em relação à população negra que se sustenta na ideia de que os grupos escravizados estavam completamente à mercê de seus senhores no que se referia à aquisição de artigos como alimentos e materiais em geral, desconsiderando a participação da grande parcela da população composta por pessoas escravizadas no mercado de consumo¹⁸. Na arqueologia, este pressuposto justificou por muito tempo a ausência de estudos específicos sobre os grupos escravizados, mas estudos recentes têm mostrado a participação destas pessoas em mercados informais com aquisições autônomas de bens e mercadorias, expressando escolhas de consumo cujos significados simbólicos têm sido interpretados como ligados à coletividade, religiosidade, gênero e mais (Souza, 2011; Symanski & Souza, 2007; Wilkie, 2000). O pressuposto da ausência de acesso ao açúcar pelos setores escravizados da população de Pelotas nega o papel

¹⁸ Por exemplo, a partir de dados do jornal *Correio Mercantil*, Beatriz Lerner *et al.* (2012:137) mostram que em setembro de 1873, havia 8.142 pessoas escravizadas em Pelotas (33% do total da população), sendo 5.125 homens e 3.017 mulheres. Anos depois, à vésperas da campanha de emancipação de 1884, Pelotas era o município da província com maior número de escravxs, 6.526, enquanto Porto Alegre contabilizava 5.790.

ancestral dos doces na culinária afroreligiosa da cidade, nega a contribuição direta das mulheres negras na tradição doceira (consideradas simples ajudantes na preparação de receitas de família) e atribui um caráter altamente elitista e racista à tradicional associação entre açúcar e ‘mulher’. Uma imposição extrema da ideologia burguesa da feminilidade.

A mais conhecida e estudada evidência arqueológica das diversas relações mediadas pelos doces acaba por ser os aparatos culinários supostamente usados pelas elites. Essa visibilidade está menos relacionada à quantidade e qualidade das interações materiais de diferentes grupos sociais do passado e mais relacionada aos pressupostos técnico-científicos das pesquisas (onde se escava, o que se identifica como evidência relevante, a quais grupos/setores sociais tais evidências podem ser associadas, quais interesses contemporâneos são levados em conta nas reflexões etc.). Noutras palavras, a (in)visibilidade arqueológica é menos um limite *in potenciada* pesquisa e mais uma (exclusão)inclusão do que pode ser considerado conhecimento válido, o que pode contar como prova arqueológica. Uma arqueologia não racista e não sexista precisa, definitivamente, ampliar seu escopo do que pode ser considerado conhecimento legítimo a modo de permitir narrativas sobre mulheres escravizadas em que, além de trabalhadoras sujeitadas por raça, elas também sejam sujeitas ativas em suas próprias vidas e na vida dos lugares que habitavam, continuamente agindo para bem viver no mundo. Enquanto não colocarmos sob suspeita a aplicação generalizada do padrão de domesticidade burguesa ao estudo da evidência arqueológica doméstica do século XIX seguiremos tendo dificuldades em identificar itens materiais que nos permitam pensar outras famílias, outros lares que não aqueles a que o padrão se refere.

AGRADECIMENTOS

Axs voluntárixs que, em um momento ou outro entre os anos de 2013 e 2015, auxiliaram no inventário e análise das louças e vidros, especialmente Suzana Munsberg, Bruno Sanches Ranzani da Silva e Luiza Wolff. À Julia Dias, pela pesquisa nos jornais locais do século XIX e, mais uma vez, à Suzana Munsberg, pelo auxílio e entusiasmo com a pesquisa iconográfica. Ao Daniel Minossi Nunes, pela reprodução de documentos no Arquivo Público do Rio Grande do Sul. Ao Caiuá Cardoso Al-Alam, que gentilmente cedeu a transcrição da Lista de Votantes de Pelotas de 1880, e ao Mano Bruno, que graciosamente concluiu e revisou a análise das cerâmicas artesanais da praça, sistematizou as informações que constam na nota 13, além de projetar a forma das vasilhas.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas e manuscritas

- A VENTAROLA, n. 36, p.5, 11 de dez de 1887, Biblioteca Pública Pelotense.
- CORREIO Mercantil, n. 115, p. 2, 18 de maio de 1877, Biblioteca Pública Pelotense.
- CORREIO Mercantil, n. 232, p. 1, 12 de out. de 1875, Biblioteca Pública Pelotense.
- CORREIO Mercantil, n. 28, p. 1, 05 de fev. de 1875, Biblioteca Pública Pelotense.
- CORREIO Mercantil, n. 228, p. 01, 08 de out. de 1877, Biblioteca Pública Pelotense.
- DIÁRIO de Pelotas, n. 271, p. 2, 04 de dez. de 1878, Biblioteca Pública Pelotense.
- DIÁRIO de Pelotas, p. 2, 29 de nov. de 1886, Biblioteca Pública Pelotense.
- INVENTÁRIO de Antonio Francisco dos Santos Abreu, 04 de nov. de 1884. 2º Cartório Cível - Pelotas, auto 210, maço 6, estante 59, Archivo Público do Rio Grande do Sul.
- INVENTÁRIO de João Guerino Vinhas, 16 de nov. de 1854. 1º Cartório de Orphãos e Provedoria, auto 383, maço 26, estante 25, Archivo Público do Rio Grande do Sul.
- INVENTÁRIO de Joaquim José de Assumpção, Barão de Jaraó, 20 de abr. de 1898. 2º Cartório Cível - Pelotas, auto 228, maço 6, estante 7, Archivo Público do Rio Grande do Sul.
- LISTA de qualificação de votantes de Pelotas, 1880, Biblioteca Pública Pelotense.
- O NOTICIADOR, n. 799, p. 2, 20 de nov. de 1861, Biblioteca Pública Pelotense.
- ZÉ Povinho, n. 03, p. 4, 21 de jan. de 1883, Biblioteca Pública Pelotense.

Bibliografia

- AGOSTINI, Camilla & NAJJAR, Rosana. 2007. Pesquisa Arqueológica na Casa da Hera – Vassouras/RJ. *Revista de Arqueologia*, v. 20:39-50. São Paulo.
- AMBAR (Associação dos Amigos do Museu da Baronesa), 2013. *A Hora do Chá*. Edição do autor, Pelotas.
- ARRIADA, Eduardo. 1994. *Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)*. Editora Armazém Literário, Pelotas.
- BAKOS, Margaret Marchiori. 1982. *RS: Escravidão e Abolição*. Mercado Aberto, Porto Alegre.
- BASTOS, Michele S. 2013. *Arquitetura ausente: o centro histórico de Pelotas, RS (1835-2011)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- BATTLE-BAPTISTE, Whitney. 2007. "In This Here Place": Interpreting Enslaved Homeplaces. In OGUNDIRAN, Akin & FALOLA, Toyin. *Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora*, Indiana University Press, pp. 233-248, Bloomington and Indianapolis.
- BATTLE-BAPTISTE, Whitney. 2011. *Black Feminist archaeology*. Left Coast Press, Walnut Creek.
- BILGE, Sirma. 2009. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogenes*, 1(225): 70-88.
- BRANCANTE, Eldino da Fonseca. 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2003. A produção da feminilidade burguesa no espaço público: donas de casa, mulheres de sala e prostitutas de luxo. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História*, p. 1-5, João Pessoa.

- CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2008. *Gênero e artefato*. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. Edusp, FAPESP, São Paulo.
- CERQUEIRA, Fábio & ROSA, Estefânia J. 2008. Relatório das atividades de campo do projeto de salvamento arqueológico do centro histórico de Pelotas – RS/Brasil (período 2006-2007). *Cadernos do Lepaarque*, 5(9/10):206-239. Pelotas.
- CONKEY, Margaret W. 2010. Dwelling at the margins, action at the intersection? Feminist and indigenous archaeologies, 2005. In BRUCHAC, Margaret M. ; HART, Siobhan M. & WOBST, H. Martin (eds). *Indigenous Archaeologies: A Reader on Decolonization*. Routledge, p. 91-98, New York.
- COSTA, Ana Paula do Amaral. 2013. *Criados de servir*. Ed. UFPel, Pelotas.
- D' EU, Conde. 1981. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. Editora Itatiaia/Editora Universidade de São Paulo, Belo Horizonte
- DAVIS, Angela. 2005 [1981]. *Mujeres, raza y clase*. Ed. Akal, Madrid.
- ENGELSTAD, Ericka. 2007. Much more than gender. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 14(3): 217–234. New York.
- FERREIRA, Maria Letícia M.; CERQUEIRA, Fábio V. & RIETH, Flávia M. 2008. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. *MÉTIS: história & cultura*, 7(13):91-113, Caxias do Sul.
- FERREIRA, Maria Letícia M. & CERQUEIRA, Fábio V. 2012. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. *Patrimônio e Memória*. 8(1): 255-276. Pelotas.
- FRANKLIN, Maria. 2001. A Black feminist-inspired archaeology? *Journal of Social Archaeology* 1(1):108-125, London, Thousand Oaks, and New Delhi.
- GERO, Joan M. 2007. Honoring Ambiguity/Problematizing Certitude. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 14(3): 311–327. New York.
- GUTIERREZ, Ester. 2001. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Ed. Universitária/UFPel, Pelotas.
- HARAWAY, Donna. 1995. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, 5(7):41. Campinas.
- HARDING, Sandra. 1998. *Is science multi-cultural? Postcolonialisms, feminisms and epistemologies*. Indiana University Press, Indianapolis.
- HIRATA, Helena. 2014. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1): 61-73. São Paulo.
- HOOKS, bell. 1990a [1981]. *Ain't I a woman*. Black women and feminism. Pluto Press, London.
- HOOKS, bell. 1990b. *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. South End Press, Boston.
- HULL, Glória; SCOTT, Patrícia B. & SMITH, Bárbara. 1982. *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, but Some of Us Are Brave: Black Women's Studies*. The Feminist Press, New York.
- KOSBY, Marília. F. 2015. *Nós cultuamos todas as doçuras: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas*. Porto Alegre: Após Coup – Escola de Poesia.
- LIMA, Tânia Andrade. 1995. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*, 3:129-91. São Paulo.
- LIMA, Tânia Andrade. 1997. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista*, 5: 93-129. São Paulo.
- LITTS, Elyce. 1988. *The Collector's Encyclopedia of Geisha Girl Porcelain*. Collector Books, Paducah, Kentuck.

- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida & SCHEER, Micaela Irene. 2012. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880. *História, Ciência, Saúde –Manguinhos*, 19(sup.):133-152, Rio de Janeiro.
- LUCOCK, John. 1935. *Aspectos Sul-Riograndenses no 1º quartel do século XIX*. Record, Rio de Janeiro.
- MAESTRI, Mário. 2001. *O sobrado e o cativo*. A arquitetura urbana erudita no Brasil escravista: o caso gaúcho. Ed. UPF, Passo Fundo.
- MAGALHÃES, Mário. 1993. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Ed. UFPEL, Pelotas.
- MAGALHÃES, Mario. 2001. *Doces de Pelotas - Tradição e História*. Armazém Literário, Pelotas.
- MAGALHÃES, Mario. 2003. Charque por açúcar. *Diário Popular*, 10 ago de 2003, Pelotas.
- MILLER, George. 1980. Classification and economic scaling of 19th. century ceramics. *Historical Archaeology*, 14:1-40, Rockville.
- MILLER, George. 1991. A Revised Set of CC Index Values for Classification and Economic Scaling of English Ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology*, 25:1-23, Rockville.
- PAULA, Débora C. de. 2005. Praça Pedro II: a construção de um espaço de sociabilidade (1861-1889). TCC (Bacharelado em História). ICH/UFPEL, Pelotas.
- RIBEIRO, Loredana. 2012. Maria, párvua exposta, Domingos, padre maculado. Ensaio de arqueologia micro histórica. *Vestígios – Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica*, 6(2):131-180, Belo Horizonte.
- RICH, Adrienne. 1976. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. New York: Norton.
- RIETH, Flávia M. & KOSBY, Marília F. 2014. Patrimônio: região doceira de Pelotas atual e de Pelotas antiga. In: Rubira, Luis. (org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. PRÓ-CULTURA-RS, Gráfica e Editora Pallotti, vol. 3, pp. 367-386, Santa Maria.
- RODRIGUES, Marta Bonow. 2015. *A vida é um jogo para quem tem ancas: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, ICH/UFPel, Pelotas.
- RUBIRA, Luis. (org.). 2012. *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. PRÓ-CULTURA-RS, Gráfica e Editora Pallotti, vol. 1, Santa Maria.
- SCHÁVELZON, Daniel. 1991. *ArqueologíaHistorica de Buenos Aires*. Ed. Corregidor, Buenos Aires.
- SOUZA, Marcos André. Torres. 2011. A vida escrava portas adentro: Uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. *Maracanan*, 7: 83-109, 2011.
- STACK, Carol B. 1974. *All Our Kin: Strategies for Survival in a Black Community*. Harper & Row, New York.
- SYMANSKI, Luís Cláudio P. & SOUZA, Marcos André. T.2007. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e interpretação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 33:215-243. Brasília.
- SYMANSKI, Luís Cláudio P. 1998. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no século XIX*. EDIPUCRS, Porto Alegre.
- TOCCHETTO, Fernanda B. & MEDEIROS, João Gabriel Toledo. 2009. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. *Revista de Arqueologia*, 22(1): 125 – 134. Rio de Janeiro.
- TOCCHETTO, Fernanda B.; SYMANSKI, Luís Cláudio P.; OSÓRIO, Sérgio. R.; OLIVEIRA, Alberto T. D. & CAPPELLETTI, Angela M. 2001. *A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, p. 135-160, Porto Alegre.
- TOCCHETTO, Fernanda. B. 2010. *Fica Dentro ou Joga Fora? Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre moderna oitocentista*. Coleção ANPUH-RS. Oikos, Porto Alegre.

- WILKIE, Laurie. 2000. Culture bought: evidence of creolization in the consumer goods of an Enslaved Bahamian Family. *Historical Archaeology*, 34(3): 10-26.
- WILKIE, Laurie & HAYES, Katherine Howlett. 2006. Engendered and Feminist Archaeologies of the Recent and Documented Pasts. *J Archaeol Res*, 14:243–264.
- WYLIE, Alison. 1991. Feminist Critiques and Archaeological Challenges. In W. Dale & N. D. Willows (eds.): *The Archaeology of Gender: Proceedings of the Twenty-Second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. University of Calgary, 17-23.
- WYLIE, Alisson. 2000. Standpoint matters—in archaeology, for example. In STRUM; FEDIGAN, Linda. *Primate encounters: Models of science, gender and society*. University of Chicago Press, pp. 243–260, Chicago.
- WYLIE, Alisson. 2007. Doing Archaeology as a Feminist: Introduction. *J Archaeol Method Theory*, 14:209–216.
- WYLIE, Alisson. 2012. Feminist Philosophy of Science: Standpoint Matters. *Proceedings and Addresses of the American Philosophy Association* 86(2), 47-76.
- YUVAL-DAVIS, Nira. 2006. Intersectionality and Feminist Politics. *European Journal of Women's Studies*, 13(3): 193-209.